



A ciência à serviço da hierarquia de raça

Marcos Bruno Silva ¹

Lima Barreto afirmou uma vez: “A explicação por hereditariedade é cômoda, mas talvez pouco lógica”. E ele tem razão. A explicação de uma faculdade, um atributo ou até mesmo um comportamento humano utilizando as descobertas genéticas acerca das leis da hereditariedade não são suficientes, ainda mais quando se trata do ser humano. É verdade que aspiramos ao que é simples por isso talvez a utilização da palavra “cômoda” pelo literato brasileiro. Dizer que uma pessoa ou outra são como são por causa de sua genética é realmente mais desejável, haja vista que historicamente se produziram inúmeras teorias para tentar se compreender e explicar a controversa natureza humana. Hoje, as ciências genéticas e seus conhecimentos sobre a hereditariedade e as suas reverberações no ser do humano buscam junto às neurociências serem “os” saberes explicativos do comportamento.

Contudo, apesar dessa pretensão, seus intuitos sucumbem a uma análise mais crítica. A aparente facilidade em explicar a complexidade do comportamento humano por meio de sua redução a componentes genéticos ou a substratos neurais e neurofisiológicos parece carecer de lógica. Mais especificamente de lógica científica. Por quê? O conhecimento, por meio de seus conceitos e teorias, deve ser capaz de explicar *de fato* a complexidade de um fenômeno amparado em evidências empíricas, que corroborem a dinâmica do objeto em suas nuances, permitindo o mínimo possível de controvérsias acerca de sua lógica interna e externa.

No caso de explicações que reduzem a um funcionamento genético ou a um substrato neurofisiológico, aqueles que as enunciam por meio de proposições acerca dessa relação acreditam estar revelando verdades sobre a natureza humana. Mas, ao exporem suas “teorias”, os cientistas dessas áreas parecem ignorar ou suprimir outros aspectos tão fundamentais da realidade humana, como a sociedade, a cultura, a política, a economia, em suma, o “meio ambiente” humano. Assim, o conhecimento genético não consegue a adequação rigorosa entre a formalização do fenômeno (conceitos, teorias e sistemas) e seu objeto.

¹ Doutorando, Mestre e Graduando em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás. Bacharel em Psicologia com Especialização em Teoria e Técnica Psicanalítica pela Universidade Federal de Goiás. E-mail: marcosbruno2786@gmail.com

Se a genética e as neurociências não explicam suficientemente a relação entre genética, cérebro e comportamento humano, por tentarem reduzir este último aos primeiros e colocarem a importância ambiental em segundo plano, por que suas premissas e teses possuem tanta força para a tomada de decisões políticas, econômicas e sociais? Tais áreas do conhecimento possuem critérios definitivos para engendrarem uma percepção social sobre a natureza humana, como, por exemplo, a superioridade de algumas pessoas sobre outras, devido a uma característica racial? Essas duas perguntas se conectam, pois mostram o poder que determinada ciência possui para ordenar a realidade social, assim como delimitar espaços subjetivos para determinadas relações sociais e intersubjetivas.

Mas se os conhecimentos científicos são pulverizados na sociedade, geralmente, não são objetivando um alvorecer da consciência e sensibilidade críticas frente ao crepúsculo da ignorância, mas sim de utilizá-los como instrumentos de manutenção de um atual sistema de ideias acerca de uma realidade. Quando isso ocorre temos a presença de uma violência epistemológica, ou seja, a utilização de discursos científicos para a perpetração de estereótipos, estigmas historicamente consolidados. Mas quando a ciência é utilizada dessa maneira, ela perde seu caráter racional, de desmitificação daquilo que Machado chama de “negativo da razão”.²

Se ela é empregada no sentido de fazer valer o oposto da razão, a irracionalidade, então a ciência se transformou em um veículo propagador de falsas concepções, de ideias ancoradas, não em uma lógica rigorosa originada de uma rigorosa investigação científica acerca de um dado fenômeno, mas sim em preconceitos, em estereótipos impostos a certos indesejáveis. O comodismo de explicações pode ter suas vantagens, mas ao mesmo tempo podem ser defensoras de irracionalidades, como Lima Barreto defendeu. Assim, quando isso acontece, a ciência é mais um dos mecanismos de dominação que veem a vantagem da “naturalização” de um roteiro existencial humano, que obedece a ideia de que no mundo todos possuem seus lugares determinados, universalmente e necessariamente.

Considerando esse fenômeno científico transformado em ideologia objetiva-se realizar uma reflexão crítica de discursos com a aparência de científicos que visam alocar alguns indivíduos e grupos dentro de um espaço, segregado e marcado por diversas concepções, que buscam mantê-los em condição perpétua de inferioridade. Quando tais discursos são revestidos pelo poder da autoridade científica, realidades e práticas cruéis são construídas contra aqueles que são os “sujeitos-objetos” de tais discursos. Quando temos, por exemplo, uma neurociência e uma ciência genética contribuindo com pesquisas para se determinar diferenças substanciais entre negros e brancos por meio das leis da hereditariedade e do funcionamento cerebral, por exemplo, não teríamos uma pesquisa comprometida em validar o preconceito racial existente em sociedades, como a brasileira, por exemplo, de que os brancos são superiores aos negros?

² MACHADO, Roberto. *Foucault, a ciência e o saber*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 7.

E os resultados, seriam mesmo teorias produzidas de forma rigorosa sobre as diferenças entre brancos e negros, corroborados por fortes evidências científicas, ou são teorias que sofreram um desvio, uma deformação, a fim de reproduzir o que todos aceitam como verdade inquestionável, a superioridade do branco sobre o negro? Assim, teríamos uma pesquisa que possui um compromisso, mas não com a validade lógica e sim com o comodismo daqueles que desejam a manutenção da ordem social, onde cada um tem o seu lugar na hierarquia da vida concreta.

Uma vez que temos a presença da violência epistemológica na vida social, a epistemologia histórica pode contribuir com a possibilidade de se modificar essa prática perversa por parte dos cientistas. Muitos deles parecem não se importar com a história de suas ciências, estando mais preocupados com a produção de pesquisas que forneçam resultados potencialmente aplicáveis, pois estes além de garantirem ao pesquisador uma boa quantia, promovem também o seu prestígio junto à comunidade científica; sem falar dos vultosos lucros auferidos pelas organizações que financiaram a pesquisa quando o produto for “consumido” pelas pessoas e transformados em costume, tradição e cultura.

Assim, o discurso que diz que a ciência está comprometida com o bem-estar humano parece ser ilógico, por várias razões. Mas neste trabalho destacaremos como algumas ciências, ou melhor, discursos científicos deformados por interesses enviesados ideologicamente, corroboram a violência contra algumas pessoas ou grupos, considerados inferiores frente a outros. Neste caso, como uma teoria racista, claramente ideológica, assume a autoridade de um discurso científico, como o da genética e das neurociências, por exemplo, para sustentar uma cultura que diariamente marginaliza, discrimina, criminaliza e extermina os negros.

Recentemente, dia 14 de março de 2018, no Brasil, houve um trágico evento: Marielle Franco, vereadora da cidade do Rio de Janeiro, e o seu motorista, Anderson Pedro Mathias Gomes, foram assassinados a tiros. Marielle era uma defensora dos direitos humanos e constantemente denunciava os abusos de autoridades e violência cometidos por policiais contra a parte da população mais carente. Mas, o que a ciência tem a ver com isso? A ciência é neutra! Se pensarmos que existem interesses ocultos por trás da produção científica, um deles é o de manter o status quo social. Se assim é, a ciência não é neutra, mas comprometida com a perversidade.

Sem falar que conhecimentos deformados e enviesados que são transmitidos por meios de comunicação de massa contribuem para construção de culturas, mentes e comportamentos deturpados. Além da morte de Marielle, que não por acaso era uma mulher negra, podemos fazer uma retrospectiva e refletir sobre as explicações inventadas para a subordinação, exploração e tratamento dos negros como coisas, monstros ou bestas de carga. Tudo isso para justificar uma dominação social alicerçada em um etnocentrismo eurocêntrico, que defende que negros são inferiores em relação aos brancos. No Brasil, país colonizado por potências europeias, essa crença se enraizou e até hoje provoca inúmeros morticínios devido ao racismo.

Graças a esses discursos que associam corpos a valores positivos ou negativos de forma enviesada é que temos a presença de uma práxis cotidiana naturalizada, onde negros vivem se vendo como ameaças e tem como ideal a branquitude de seus algozes que são vistos como heróis, mais capazes e mais inteligentes. Uma das razões para essa crença é a utilização da autoridade do discurso científico pelos mecanismos de poder para validar uma falácia, uma narrativa conveniente e pouco lógica, acerca da hereditariedade definidora da superioridade ou inferioridade de indivíduos ou grupos junto à sociedade para manter cada um em seu lugar.

Genética do comportamento não é determinismo genético

Recentemente, o mundo, mais uma vez, foi surpreendido com afirmações polêmicas do cientista James Watson. Ele é fundador da genética moderna e um dos pesquisadores, os outros são Crick e Wilkins, que descobriu a estrutura de dupla hélice do DNA. Ao ser entrevistado para um documentário sobre a genética proferiu: “raça e inteligência estão conectadas”. Não é a primeira vez que esse importante cientista estadunidense faz declarações dessa natureza. Segundo essa concepção, a inteligência humana é uma característica, um atributo e um comportamento oriundo das relações entre os genes de uma raça. Assim, para ele, o comportamento inteligente é algo determinado geneticamente, segundo raças.

Devido a essa relação entre a hereditariedade e o comportamento inteligente, tem-se um problema, pois este não pode ser relacionado apenas à biologia genética, haja vista que ele também é fruto de uma relação complexa envolvendo as influências de um contexto cultural ao qual está inserido. Então esse traço comportamental se relaciona tanto com o organismo considerado biologicamente quanto com o contexto cultural ao qual se encontra submetido. Uma das definições clássicas de inteligência, segundo Dalgalarondo é a de Wechsler. O psicólogo romeno afirma que inteligência é “a capacidade global do indivíduo de agir com propósitos, de pensar racionalmente e de lidar eficazmente com o seu ambiente.”³

Deste modo, ser inteligente pressupõe um sujeito ou organismo que diante de situações ambientais diferentes, que lhe causam estranhamentos, elabora soluções para que o ambiente não lhe continue a causar sensações desagradáveis. O sujeito inteligente, então, é o que altera e preserva o ambiente, minimizando suas alterações, para o seu próprio proveito. Contudo, a inteligência transcende o sujeito. Além de ser uma maneira inventada para se lidar com as vulnerabilidades ambientais inexoravelmente oferecidas ao sujeito, ela também é um construto, ou seja, uma elaboração conceitual que serve às ciências do comportamento para comparar e acompanhar esse comportamento em suas manifestações *in loco*.

³ DALGALARRONDO, Paulo. *Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019, p. 302.

Tal dimensão instrumental e científica do construto inteligência é importante, pois além de ser um conjunto de habilidades cognitivas, a capacidade de identificar e resolver problemas e de se adaptar às demandas impostas pelo meio, ela também é um termo que serve para aferir, medir, mensurar a dimensão do funcionamento mental, de rendimentos psíquicos dos sujeitos. Assim, a forma como os indivíduos ou organismos lidam com as variações do ambiente, com o intuito de se adaptarem a ele são observadas e estudadas por cientistas e pesquisadores que desejam compreender o porquê de se agir da maneira como agem diante das situações hostis à adaptação.

Contudo, na proposição enunciada por Watson aparentemente temos a desconsideração implícita dessas outras variáveis, o contexto social e a dimensão científica e instrumental do construto inteligência. Essas outras variáveis participam ativamente da constituição subjetiva do indivíduo. O reconhecimento desses fatores extragenéticos coloca um problema às perspectivas meramente genéticas, que enclausuram a inteligência a uma relação genômica.

[...] Embora os fatores genéticos sejam importantes, o componente ambiental (aprendizado, estímulos psicossociais nos períodos “cruciais” do desenvolvimento cognitivo da criança, nutrição e condições adequadas de saúde, apoio afetivo, escolas de qualidade, ambiente motivador, entre outros) é, seguramente, fundamental para que o indivíduo possa desenvolver de forma plena seu potencial genético [...].⁴

Crítica do determinismo genético: contribuições do pensamento epistemológico

Devido à negligência de outros fatores importantes para a consideração desse fenômeno complexo, o comportamento inteligente, é possível recorrer a uma análise epistemológica dessa questão envolvendo a relação da inteligência com a genética: o conhecimento científico da genética é suficiente para determinar precisamente o grau de um atributo comportamental do ser humano, considerando apenas a variável genética? Nessa abordagem, a inteligência é inata ao indivíduo. Todo um conhecimento, uma metodologia e instrumentos parecem corroborar essa tese. Contudo, esse arsenal teórico e instrumental da genética permite a chegada a resultados válidos acerca do que se propõe?

Não, pois se reconhece a importância dos fatores sociais, ambientais e intersubjetivos da constituição do indivíduo e de todas as “suas” faculdades; a genética seria um entre todos esses fatores. Mas, apesar desse reconhecimento, por que muitos insistem em dizer que a genética tudo explica? Se isso existe tem-se que considerar a possibilidade de não se estar mais diante de uma ciência, pois essa não almeja ser uma narrativa dogmática acerca de um fenômeno. A ciência é um trabalho que possui, antes de tudo, a consideração pelo desejo genuíno daquele que realmente deseja conhecer a verdade do fenômeno em suas diversas nuances.

⁴ DALGALARRONDO, Paulo. *Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais*, p. 309.

A ciência possui, em nossos tempos, a pretensão de ser o conhecimento por excelência, pois ela contém em si a busca pela verdade. “A ciência, discurso normatizado e normativo, é o lugar próprio do conhecimento e da verdade e, como tal, é instauradora de racionalidade.”⁵ Por ser normativa, ou seja, criadora de normas, o lugar oficial do suposto conhecimento verdadeiro e produtora de racionalidades, as ciências terão grande credibilidade junto às pessoas no que tange a adesão dessas às narrativas científicas. Desse modo, os cientistas possuem uma autoridade relevante junto à sociedade.

Considerando essa autoridade, qual o impacto de afirmativas, como a de Watson, carregadas de autoridade simbólica, na vida concreta das pessoas? Outra pergunta depreende-se do impacto desses discursos científicos sobre a vida humana: os efeitos dos primeiros sobre o segundo são positivos ou negativos? Justamente por extrapolarem os limites do laboratório e ocasionarem efeitos na vida concreta das pessoas, os discursos elaborados pela ciência precisam ser avaliados internamente e externamente. Essa consideração é fundamental, pois se deve considerar a diferença entre o que é produzido, em um ambiente rigorosamente controlado, para fins precisos e essa mesma produção, já desviada em vários caminhos, circulando livremente em um espaço social onde o controle é praticamente impossível.

As questões estão interligadas, pois uma teoria científica produzida na região da genética comportamental se deteriorou em um determinismo genético, que diz que raça e inteligência estão indissociavelmente conectadas, reforçada por uma autoridade científica, como numa causalidade clássica entre uma causa e um efeito. Esse novo campo da genética, a genética comportamental, se define, como uma área que visa “compreender os mecanismos genéticos e neurobiológicos envolvidos em diversos comportamentos, tanto nos animais quanto nos seres humanos.”⁶

Essa definição ainda parece considerar apenas o aparato biológico do ser vivo, contudo, os pesquisadores dessa área emitem o seguinte alerta: “nosso material genético é incrivelmente complexo assim como em inúmeras vezes complexas são as atitudes humanas. Em razão disso, os estudos genéticos que visem o entendimento comportamental requerem atenção especial.”⁷ A atenção especial é justamente aquela considerada por Dalgarrondo, acerca dos fatores ambientais, sociais, etc. e por outra característica ainda mais importante: a *verdadeira* ciência genética é multidisciplinar. Sobre isso:

[...] no entanto, não é vicioso lembrar por mais que a genética possui o objetivo da herança biológica, transmissão dos caracteres morfológicos, fisiológicos e até comportamentais para gerações seguintes e mantendo-se como ciência multidisciplinar, merece destacar que apesar da inevitável influência dos genes, não se pode considerar como fator determinante para o

⁵ MACHADO, Roberto. *Foucault, a ciência e o saber*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 7.

⁶ FEITOSA, Ivan; SANTANA, Pamela; TELES, Carolina. Genética do Comportamento e o contraste ao paradigma da Sociobiologia. *Saber científico*, vol. 3 (1): p. 112-131. Porto Velho, 2011, p. 113.

⁷ Idem, p. 113.

comportamento (exceção às mutações cromossômicas, especialmente numéricas), pois o código genético não é um controlador ou programador de nosso comportamento. Sabe-se que as experiências individuais e socioculturais contribuem na formação pessoal.⁸

Quando, porém, não há o reconhecimento dessa base multidisciplinar das ciências genéticas em permanente diálogo sobre as ciências comportamentais, estaremos diante de um engodo, de uma falácia, de uma ideologia social se passando por uma ciência. Diante da ocorrência desse fato, estamos frente a um conteúdo científico deformado para outros fins. Parasitando a dignidade referente à ciência e assumindo nestes casos o papel de uma verdade acerca do fenômeno capturado, essa forma deformada do discurso científico contribuirá para a delimitação e encaminhamento do destino de todos os humanos na existência. Japiassu considerando esse desvio afirma que o discurso científico se deteriora e converte-se em uma estratégia de dominação.⁹

Essa conversão de uma racionalidade em ideologia e a sua transformação em estratégia de dominação de vidas, para a execução de um controle sobre indivíduos e grupos, considerados inferiores ou problemáticos, é o que se chama de Violência Epistemológica. Este conceito é interessante para pensarmos nos efeitos do uso de um conhecimento científico de forma deturpada para o alcance de objetivos extra-científicos. A violência epistemológica se refere:

[...] à interpretação de dados “científicos” sobre o Outro. Ela é produzida quando dados empíricos são interpretados como mostrando a inferioridade ou problematização do Outro, mesmo quando os dados permitem interpretações alternativas, igualmente viáveis. Interpretações de inferioridade ou problematização são entendidas como ações que impactam negativamente o Outro [...]¹⁰

Há uma concordância de Japiassu com Teo, pois, realmente, quando os conhecimentos científicos são utilizados pela ideologia dominante e postas a serviço da gestão da ordem social hierarquicamente estabelecida há a utilização da violência epistemológica. Esta pode servir a outros interesses, indo à contramão de uma vida humana digna cimentando na prática cotidiana ideias e valores estigmatizados acerca da realidade de determinados indivíduos. Quando se fala de ciência, temos que levar em consideração um conhecimento certo e seguro acerca de alguma coisa. É claro que a hereditariedade possui uma influência necessária sobre a vida, não só dos seres humanos, mas de todos viventes. Contudo, a perspectiva de Watson é a de um determinismo genético, onde ele ignora a complexidade do ser humano, do seu meio social e da cultura e possibilita o uso deturpado da genética para a produção da violência epistemológica.

Mas contra quem se dirige essa modalidade de violência? Watson já foi chamado de racista por inúmeras declarações polêmicas, acerca de “sua interpretação” da genética

⁸ Idem, p. 123.

⁹ Cf. JAPIASSU, Hilton. Introdução às Ciências Humanas – Análise de Epistemologia Histórica. 3. ed. São Paulo: Editora Letras & Letras, 2002.

¹⁰ TEO, Thomas. What is Epistemological Violence in the Empirical Social Sciences? *Social and Personality Psychology Compass*, v. 4, n. 5, 2010, p. 295.

da inteligência humana. Desse modo, quando cientistas, proferem seus discursos a outros baseados em suas interpretações, enviesadas, acerca de dados que sugerem outras possibilidades, eles serão passados à sociedade por meio dos *mass media*. Bernard utilizando a vulgarização da psicologia científica na sociedade, como exemplo, e considerando seriamente o impacto desses discursos na vida das pessoas, sugere a intervenção da ciência, por meio de pesquisas, para combater a vulgarização e deformação dos conhecimentos científicos da psicologia junto à sociedade e instituições, conhecendo as imagens e representações que estas possuem dessa ciência.¹¹

Pode ser que essa ideia sirva para qualquer tipo de ciência vulgarizada e alterada em seus objetivos principais, que caindo como bomba na sociedade destrói ou lesa permanentemente a capacidade crítica de se posicionar dos indivíduos frente aquilo que recebem em suas mentes. Mas parece que as únicas pesquisas que fazem junto à população ou é para utilizar os dados de forma a manipulá-la, realizadas por políticos e oportunistas de plantão, ou empresários, para se conhecer os gostos, na verdade produzi-los, sobre determinados produtos. Tirando essas pesquisas, outras não são viabilizadas, para se conhecer de fato o que pensam as pessoas, até mesmo porque não é interessante que elas sejam “inteligentes”. Essa inteligência parece estar reservada a uma classe de pessoas.

O Impacto da violência epistemológica sobre o negro na sociedade: a lobotomização existencial do Outro

Em 2018 os cinemas exibiram o filme *Corra!* Do diretor Jordan Peele. O enredo desse filme é uma metáfora para vislumbrarmos com maior clareza como a ciência deteriorada em ideologia produzem práticas de violência concreta contra grupos escolhidos como alvos. Um rapaz negro, Chris, namora uma garota branca, Rose. E em um belo final de semana ela convida o namorado para irem até a casa de seus pais. Rose é uma garota pertencente a uma família estadunidense tradicional. Devido ao conhecimento desse fato, Chris pergunta a Rose se a família dela sabe que namora um homem negro. Rose caçoa do namorado e diz que o pai não é racista e que votou em Barack Obama (ex-presidente dos EUA). Chris é convencido, apesar de receoso, pela namorada e os dois embarcam numa viagem rumo à casa dos pais da garota.

Chegando lá, Chris é recebido pelo pai, um famoso neurocirurgião, e a mãe, uma psicóloga especialista em hipnose. Mais tarde conhece o irmão de Rose, um estudante de medicina, que gosta de lutas. Depois de bem recebido pela família de Rose, ela brinca com Chris e pergunta a ele se estava confortável no lugar. Chris disse que sim. Contudo, como é um homem que trabalha com fotografia, possui um olhar diferenciado em relação às

¹¹ Cf. BERNARD, Michel. A psicologia. In: CHATELÊT, François (Org.). História da Filosofia. Ideias e doutrinas. Vol 7. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

realidades que se apresentam diante dos seus olhos. Ele percebe que todos os empregados da casa são negros. Tenta a comunicação com eles, mas é tratado com distância e frieza.

Chris possui um problema com cigarros. Percebendo isso, a mãe de Rose o convida para se sentar na poltrona e conversar um pouco sobre isso. Chris é resistente num primeiro momento, mas acaba cedendo à “conversa” com a psicóloga. Ao conversarem, ela usa táticas de hipnose para capturar os segredos mais profundos da mente de Chris. Chris não sabe se está sonhando ou vivendo a realidade aterrorizante de reviver seus piores medos, mas de repente se vê acordando em sua cama. Até esse momento considerara tudo um pesadelo. Ao acordar, a namorada pediu a ele para que se arrumasse, pois os pais iriam receber alguns convidados para um evento na mansão.

Chris se arruma e se sente perturbado com esse fato, pois Rose havia dito a ele que não haveria evento nesse fim de semana que iriam passar com seus pais. Ela disse que estava tão surpreendida quanto ele. Pois bem! O evento era um leilão, mas não um leilão comum, que se compram objetos ou antiquarias, mas sim um ser humano. Chris era o objeto a ser vendido pela família de Rose a um dos convidados. Ele fora atraído pela namorada para que a mãe o hipnotizasse, o irmão o imobilizasse e o pai o operasse, deixando-o completamente subserviente ao seu dono. Final da história? Assistam ao filme.

Esse filme revela como a ciência pode fornecer elementos teóricos e instrumentais para se construir uma existência violenta para aqueles considerados inferiores. O fato de usarem conhecimentos psicológicos, neurológicos e até mesmo genéticos, pois se depreendem do filme alguns discursos dos personagens que revelam a questão gênica como fundamental para um discurso racista, que coloca o negro como inferior e submetido ao branco. Assim, o filme pode ser uma imagem de como a ciência pode estar aliada a preconceitos raciais, de cunho ideológico, para violentar o Outro considerado como inferior.

Imagem foi retirada de um filme, agora pensemos na realidade, quantos negros são assassinados, molestados, discriminados e tornado invisíveis no mundo por causa de atitudes preconceituosas e discriminadoras? Mas a ciência tem realmente algo a ver com isso? A ciência não, mas a sua utilização, sua vulgarização e, pior, sua deformação para atender os objetivos de manter certo grupo controlado, sim. Jurandir Freire Costa tenta elaborar uma hipótese de como a violência epistemológica por meio da imposição de ideais de branquitude contribui sobre as *psíqués* e corpos do negro, para que este seja “integrado” na sociedade.¹²

As “teorias” racistas baseadas em pressupostos e em ideologias da branquitude serão impostas aos negros. Suas subjetividades serão contaminadas desde cedo por essas ideias levando o negro a se odiar, a odiarem seus corpos, por ser negro e não branco, e

¹² Cf. COSTA, Jurandir Freire. *Violência e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

depois se fecharem num ressentimento que retirará de si mesmo a capacidade de resistir a esses mecanismos. Retirando isso, eles serão “acostumados” a seu lugar de inferiores em relação aos brancos e se unirão aos carrascos. Quando essa estratégia de controle não dá certo, alguns negros reforçam a teoria da inferioridade sendo indolentes. Isso recrudescer a ideologia que ganha mais um elemento para construir a imagem do negro como inferior e um ser que deve viver acorrentado simbolicamente e concretamente: não consegue internalizar a branquitude devido a um caráter bestial.

Ao ser tratado como inferior e como perigoso devido a sua irascibilidade práticas de contenção serão implementadas como dispositivos psíquicos e sociais. Essas irão passar toda estrutura psíquica e corporal dos indivíduos marcados pela “cor do pecado”. Assim, a Violência Epistemológica será transformada em um dos constituintes sociais que integrarão a violência intrapsíquica, pois ao permitir “cientificamente” a legitimação de discursos que tratam o negro como tudo, menos humano, as relações sociais serão construídas a fim de fazer girar a existência dos negros, em um grande círculo vicioso envolvendo práticas perversas contra eles. O mundo interior dos negros será um lugar de pesadelos, pois majoritariamente são vistos como bestas a serem domesticadas.

Por que tamanha adesão a esse discurso pseudocientífico perpetrador de violência?

“Há muitas coisas em que acreditamos, e que até conhecemos, com base na autoridade de outros.”¹³

No caso, um respeitável cientista proferindo uma suposta teoria onde a inteligência está ligada à raça. Ora, sabe-se que existe um discurso dominante que afirma que brancos são superiores a negros. Logo, se são superiores, o serão também na inteligência. Algumas pessoas que ouvem essas declarações veem afigurar em seus horizontes cognitivos e afetivos o surgimento de informações, que serão assimiladas e incorporadas, com ou sem resistência, em seus arcabouços subjetivos referentes ao conjunto de conhecimentos e experiências afetivas vivenciadas e armazenadas em suas memórias.

Mas pode-se questionar se hoje, no alvorecer do século XXI, na era do desenvolvimento tecnológico, dos direitos humanos, do cosmopolitismo, se ainda faz sentido em falar de racismo. Apesar da indagação, a verdade é que o discurso racista ainda está firmemente enraizado nas diversas culturas, instituições, corpos e psiques, engendrando pensamentos, comportamentos e ações específicas frente àqueles (negros e negras) que são instanciados, “determinados”, pelos conceitos e teorias “científicas”.

¹³ Cf. MOSER, P, K; MULDER, D, H; TROUT, J. D. *A Teoria do Conhecimento*. Uma Introdução Temática. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 4.

Se um discurso como o do racismo é aceito sem muito espanto e resistência parece ocorrer algo de estranho na sociedade e com aqueles que o minimizam, pois está naturalizada a crença de que brancos são superiores aos negros. A informação poderá ser bem recebida ou não, pois haverá um confronto desta com a história do sujeito. Contudo, se este não se posiciona frente à trágica história por trás da teoria racista, que envolve violência, escravidão, exploração e a dizimação de centenas de milhares de negros e negras, algo de mórbido parece ocorrer em sua consciência e em seus afetos. Não só o indivíduo parece sofrer com uma anomia, mas também a sociedade a qual ele está inserido, pois diante de situações aviltantes de crueldade contra outro ser humano, o que se espera, minimamente, é uma afetação empática sobre o ocorrido com aqueles que sofreram.

Para que coisas desse tipo sejam possíveis são inventadas estratégias para a execução e aceitação dessa operação perversa, tanto nas mentes quanto nas ações das pessoas. Uma delas é a utilização de conhecimentos “científicos” capazes de “provar” e a inferioridade do povo dominado, justificando seu destino em relação aos desejos dos dominantes e legalizando seu status na sociedade. O conhecimento científico é um discurso produzido historicamente em relação constante com outros interesses, objetivos e projetos.¹⁴ Assim, o que parece fundamentar o discurso racista não é um sistema conceitual oriundo dos rigorosos procedimentos científicos, mas sim ideias usurpadas de seus contextos científicos e utilizadas como verdades para a produção de violência epistemológica, almejando conseguir algum objetivo extra científico.

A violência não necessariamente é explícita, pois pode estar cristalizado nos hábitos das pessoas, que consideram algo natural o que, na verdade, é um engodo, produzido de forma estratégica para se alcançar uma dominação e manutenção de uma condição social inferior de certo grupo. Por exemplo, a crença na superioridade dos brancos em relação aos negros permitirá, sem grandes estranhamentos, a construção social de um lugar inferior para a negritude. Isso ocorre no Brasil não só de forma velada, mas também explícita. Vejamos a morte de centenas de milhares de negros no país.

A violência epistemológica é um dos elementos presentes na violência entranhada no cotidiano, pois uma vez que dizem respeito a formação de crenças, hábitos, afetos e comportamentos negativos construídos por meio da disseminação de ideologias que se passam por ciências, fazem as pessoas direcionarem toda sua indiferença, raiva, ressentimento e ódio a um objeto “mau”, que serão os indivíduos e grupos sofreadores da violência. A violência pode ir de um insulto até a morte, como é o caso de várias chacinas contra a população negra brasileira ou a execução de uma mulher negra, por justamente defender essa parcela da população contra perpetração da violência, seja do Estado ou da sociedade.

¹⁴ Cf. CANGUILHEM, George. *Estudos de História e de Filosofia das Ciências - Concernentes aos vivos e à vida*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

Pode(re)mos parar de correr?

Tentamos mostrar os efeitos nefastos ocasionados por discursos científicos deformados em ideologias que produzem não só violência epistemológica, mas também contribuem para a constituição do fenômeno generalizado da violência contra os negros. A presença dessas ideologias na cultura brasileira que fantasiadas de discursos científicos devido a sua autoridade não só afastam o sujeito da verdade, mas da própria Alteridade, tanto em seus aspectos racionais quanto afetivos. Incapazes de sair do bloqueio mental e afetivo ocasionado, em parte, pela presença das falácias transformadas em crenças, em seus aparatos cognitivos, deixam de elaborar juízos mais imparciais e humanos tanto sobre determinado objeto de conhecimento quanto a grupos que são violentados cotidianamente.

Se tais consciências e sensibilidades fossem de fato parcialmente constituídas a partir de uma atitude mais crítica frente à realidade, colocada como natural, talvez pudesse se pensar em um mundo menos violento. A atitude científica não é fechada, mas aberta, pois, o que a rege são as infinitas possibilidades de ser de algum fenômeno. Ainda mais o homem, a mulher, os humanos. Estes possuem uma complexidade que jamais será inteiramente compreendida pelas ciências e seus instrumentos de medição. Então, o que fazem alguns cientistas, como Watson, acreditarem que a essência desse ser pode ser completamente reduzida a um conjunto de genes? Pior ainda, o que os fazem acreditarem que existem seres humanos melhores que outros?

Com certeza não é a ciência, pois se conduzida de acordo com seu princípio fundamental, que é o de conhecer o fenômeno em suas nuances, ela é uma maneira bastante honesta de se relacionar com o Outro. Agora quando os interesses se voltam para o lema conhecer para dominar, isso extrapola o compromisso do cientista sério do o saber e o coloca diante de uma situação de extrair do objeto propriedades que irão atender a outros fins. É claro que a ciência aplicada é importante para a vida humana, mas ela deixa de ser quando seus resultados são utilizados para perpetrar violência contra grupos considerados indesejados. E ela é mais perversa ainda quando mascara suas verdadeiras intenções por meio de um discurso que visa facilitar e melhorar a vida humana.

Se retirado de seu contexto, a ciência perde suas conexões com todos os elementos responsáveis pela sua existência e está à mercê de usos oportunistas. Basta imaginar a extração de uma frase de um texto e usá-la para formalizar um sentimento subjetivo ou identificá-la a uma causa pessoal e toma-la como princípio absoluto. No caso da ciência, o que parece ser extraída de seu contexto é o seu caráter de objetividade, que é o que lhe confere autoridade em uma sociedade como a atual, utilitarista, formal e pragmática.

Ainda não é tempo de parar de correr, pelo menos até que se construam teorias que desmitifiquem essas supostas “relações causais” que rebaixam o negro em prol de uma superioridade eurocêntrica. O mundo avançou bastante nestes últimos anos no que

se referem à construção de espaços para essa população, contudo um aviso deve ser dado, “avançou” considerando a totalidade histórica até aqui, pois por quantos anos os negros foram escravizados, dizimados, mutilados e violentados? A dívida da humanidade para com esse grupo é impagável. Contudo, ainda se vê bizarrices contra negros e negras, como, por exemplo, a morte de Marielle por defender o direito da existência digna da negritude brasileira e, recentemente, em Fortaleza, uma negra sendo chicoteada por um policial militar.

Parece que nossa história atual, nossa memória coletiva e individual se conserva, parcialmente, recalcado, as lembranças do sofrimento vivenciado por negros na *Casa Grande e Senzala*. Se for verdade que nossos genes comunicam informações importantes para o organismo e se as células possuem “memória”, será que toda a violência sofrida pelos antepassados negros grita em determinados genes em lugares recônditos de nossos organismos, ou estes foram silenciados devido à fricção do chicote nas costas destes humanos que sofreram tanto e aceitaram seu lugar como seres inferiores?

Assim, há um engano grave em considerar que não existe relação entre o discurso de um cientista sobre raça e inteligência e a morte de negros por uma sociedade que acredita na inferioridade deles frente aos brancos. As ideias estruturam a realidade, a mente e o comportamento das pessoas. Se estas agem de acordo com preconceitos, ilusões ou falácias, o que esperar? Nada, pois é melhor pegar as coisas e ir embora, pois quanto antes correr.